



VÃO-SE OS CALÇADOS, FICAM AS FÁBRICAS E O DESEMPREGO: O FECHAMENTO RECENTE DE UNIDADES PRODUTIVAS DA ALPARGATAS S.A NA PARAÍBA

Davidson Matheus Félix Pereira¹

RESUMO

O artigo analisa o modo como se deu a instalação e estruturação socioespacial da empresa de calçados Alpargatas S.A no território da Paraíba ao longo dos anos 1985 e 2023 e os fatores determinantes para os desinvestimentos ocorridos nos últimos anos. Dá luz aos efeitos que a mudança no controle acionário e o acirramento da intercompetição capitalista implicaram na espacialidade do grupo no território nacional em suas múltiplas escalas com enfoque na Paraíba. Metodologicamente utiliza pesquisa bibliográfica, estudos de campos nos municípios onde unidades foram fechadas e onde ainda estão instaladas, aplicação de entrevistas semiestruturadas, entre outras fontes de dados. Conclui-se que a reestruturação espacial e produtiva da Alpargatas S.A na Paraíba vem ocorrendo desde a década de 1990, influenciadas tanto pelas mudanças no controle financeiro da empresa quanto pelo direcionamento dos investimentos nas esferas pré-produtivas. E, que a força de trabalho na Paraíba e a localização relativa das plantas industriais ainda configuram fatores de fixidez socioespacial que permitem à acumulação ampliada a esse capital.

Palavras-Chave: Disjunção produtiva; Capital Financeiro; Alpargatas S.A; Paraíba; Rotação do Capital Fixo.

RESUMEN

El artículo analiza cómo se constituyó y estructuró socioespacialmente la empresa de calzados Alpargatas S.A. en Paraíba entre 1985 y 2023, y los factores determinantes de las desinversiones ocurridas en los últimos años. Esclarece los efectos que el cambio en el control accionario y la intensificación de la intercompetencia capitalista han tenido sobre la espacialidad del grupo en el territorio nacional en sus múltiples escalas, con foco en Paraíba. Metodológicamente, utiliza investigación bibliográfica, estudios de campo en los municipios donde las unidades fueron cerradas y donde aún están instaladas, entrevistas semiestruturadas, entre otras fuentes de datos. Se concluye que la reestructuración espacial y productiva de Alpargatas S.A. en Paraíba viene ocurriendo desde la década de 1990, influenciada tanto por los cambios en el control financiero de la empresa como por la orientación de las inversiones en las esferas preproductivas. Y que la mano de obra en Paraíba y la localización relativa de las

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, davidsonacrata@outlook.com

plantas industriales siguen siendo factores de fijación socioespacial que permiten la acumulación ampliada de este capital.

Palabras clave: Disyunción Productiva; Capital financiero; Alpargatas S.A; Paraíba; Rotación del Capital Fijo.

INTRODUÇÃO

A Alpargatas S.A é uma multinacional brasileira, detentora e produtora de calçados da marca Havaianas. Esta empresa instalou suas primeiras unidades industriais e fabris na Paraíba em meados da década de 1980. A partir de então, vem desintegrando sua produção no estado, em unidades industriais e pequenas fábricas manufatureiras. A expansão e desintegração interna² da produção foi acompanhada por processos de reincorporação de processos produtivos às unidades principais, ou eliminação dos mesmos nas pequenas filiais. Esses movimentos vêm apresentando fortes relações com as transformações políticas locais, nacionais, ou com as mudanças no controle acionário e diretivo. Além dessas determinações de ordem geográfico-político-econômica na escala nacional, forte influência tem tido a reconfiguração da cadeia de valor global de calçados e, com isso, a ampliação da inter-competição capitalista nesse departamento produtivo.

Com isso, uma análise geográfica e crítica nos permite observar os processos que imprimem uma fluidez constante na organização produtiva da empresa no estado da Paraíba. Aqui defendo, amparado em uma análise materialista e histórica, uma compreensão dialética desse processo espacial compreendendo aquilo que chamarei inicialmente e, de modo ainda preliminar, de “disjunção produtiva³”, “reincorporação produtiva” e “supressão produtiva”, como partes de um processo totalizante de “produção espacialmente flexível⁴ e liofilizada⁵”.

O texto ora apresentado, é parte de nossa pesquisa de doutorado em andamento, embora a problemática específica aqui anunciada tenha relações diretas com os últimos acontecimentos

² Interna no sentido de não haver terceirização, mas sim, criação de filiais.

³ Refere-se a desconcentração, ou a divisão espacial da produção. Para um maior detalhamento ver: Benko & Lipietz (1994, p. 9) Lipietz (1989, p. 313).

⁴ Flexível no sentido próximo ao de “deslocamento espacial” (HARVEY, 1996, p. 173), mas não só, concebo flexibilidade espacial como um processo contínuo de “ajustes espaciais” (HARVEY, 1996), considerando a reprodução de um determinado capital nos termos de deslocamento contínuo (expansão-retração) de sua extensão no território, como reflexos e condições para a “acumulação flexível” de um certo capital.

⁵ A noção de liofilização que utilizo aqui é emprestada, ainda que num sentido um pouco diferente, do conceito de “liofilização organizativa” trabalhado por Ricardo Antunes, o qual se refere de forma mais direta as mudanças globais nos processos produtivos no interior da unidade de produção e ao processo de enxugamento da produção (ANTUNES, 2009, p. 52 e 249). Enquanto, nós buscamos apreender o processo de “enxugamento” espacial das unidades de produção.

no plano político brasileiro e paraibano que se relaciona aos equivocados e ideológicos pré-entendimentos disseminados por grupos políticos conservadores e de ultra-direita, nas duas regiões intermediárias principais do estado da Paraíba: a região intermediária de João Pessoa e, principalmente, na região intermediária de Campina Grande. Os quais consistem em afirmar que o fechamento e demissão de cerca de 1650 trabalhadores de três fábricas da Alpargatas: Alagoa Nova-PB (cerca de 800 trabalhadores) e Mogeiro-PB (cerca de 400), e João Pessoa (Cerca de 450) e a demissão de centenas de trabalhadores em Campina Grande-PB, seriam resultantes da política adotada a partir de 2023, pelo governo do presidente Lula (PT) empossado em 2022.

Esse discurso, representa e se articula à um movimento reacionário de ordem internacional e nacional, tendo como finalidade ocultar a própria dinâmica de acumulação capitalista atual, na medida em que individualiza, simplifica e esconde as causas do desemprego, da crise econômica, que é global e estrutural, afinal as contradições internas do capital se agudizaram mundialmente, sobretudo, após a crise do subprime em 2008.

Esse trabalho, portanto, tem como objetivo, além de demonstrar a anterioridade do processo de reestruturação produtiva da Alpargatas S.A na Paraíba, explicar as razões pelas quais essa reestruturação ocorreu, tendo em vista que a empresa já havia fechado fábricas antes de 2022.

Esse fenômeno particular da produção espacialmente flexível-liofilizada e seus desdobramentos atuais, os quais iremos investigar, são mediados e sintetizam processos mais amplos que perpassam a reestruturação espacial e produtiva da indústria de calçados no Nordeste. Estes por sua vez, vêm sendo examinado ao longo da última década de 2010, por uma série de autores, com uma forte ênfase nas análises sobre seus efeitos na estrutura urbana e seus rebatimentos econômicas nos espaços regionais das grandes plantas fordistas, aqui cito alguns: Alencar (2019); Bacurau, (2019); Pereira Júnior, (2013; 2015a; 2015b); Ferreira, (2018); Pereira (2021), dentre outros.

Mais especificamente sobre a atuação da São Paulo Alpargatas S.A na Paraíba, observamos a importância das pesquisas de Ferreira (2018) e a nossa pesquisa (PEREIRA, 2021), dando relevo tanto ao uso corporativo do território paraibano, e em relação ao segundo, a reestruturação produtiva e espacial da indústria de calçados de Campina Grande. Destacamos que, no conjunto de pesquisas que pudemos ter acesso sobre a questão do desenvolvimento da indústria de calçados no Nordeste, pouca ênfase foi dada à expansão e incorporação de subsidiárias às grandes empresas de um mesmo grupo. Sendo este trabalho, talvez um dos primeiros, senão o primeiro, a sistematizar esse processo, ainda que fundamentado na rica



contribuição de outros autores que vem sendo dada para compreender os desdobramentos da reestruturação produtiva e espacial do setor de calçados no Nordeste.

METODOLOGIA

O método de pesquisa do trabalho se deu através de pesquisa bibliográfica, sobre a indústria de calçados no Nordeste e sobre as cidades estudadas na Paraíba. Realizei estudos de campo em municípios onde a empresa Alpargatas S.A já se instalou, ou ainda está instalada, como: Campina Grande-PB, Alagoa Nova-PB, Guarabira-PB. Apliquei entrevistas semi-estruturadas, por telefone, com ex-trabalhadores e pessoas ligadas à administração das cidades, ou ligadas a meios de comunicação independentes. Utilizei também como técnica de pesquisa o exame de jornais eletrônicos, blogs independentes, demonstrativos da empresa, entre outras fontes de dados online. A pesquisa foi aprovada em comitê de ética, sob o CAAE: 64994822.7.0000.8142.

FINANCEIRIZAÇÃO NO CONTEXTO DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL: COMO O CAPITAL FINANCEIRO CRIA O DESCOMPROMETIMENTO GEOGRÁFICO

Por que as atividades industriais, sobretudo as ligadas às atividades manufatureiras têm adquirido uma fluidez tão grande sobre o território nacional? Uma das explicações mais globais diz respeito à transição do fordismo para o regime de acumulação flexível, e as decorrentes transformações no modo como o espaço passou a ser produzido, significado e utilizado no capitalismo (RODRIGUES, 1996, p. 47). A acumulação do capital, cada vez mais flexível, apoia-se, na flexibilidade dos “processos de trabalho, dos produtos e do consumo” (RODRIGUES, 1996, p. 39). Esses quatro elementos estão articulados à aquilo que Chesnais conceitua como mundialização do capital (CHESNAIS, 1996), dado que os novos métodos de produção vêm alterando os modos de consumo e vice-versa, bem como, às inovações no modo de concepção e no próprio produto tendem a redefinir e criar novos processos de trabalho.

O espaço sintetiza esses processos dialéticos, dado que é nele onde se instalam as unidades produtivas, é por ele que os fluxos de mercadorias e de comandos sobre a produção propriamente dita se dão, é no espaço e através do qual as mercadorias são consumidas. Portanto, o espaço é um produto de relações sociais de produção, que neste contexto tem se tornado mais propenso a transformações resultantes dos interesses fugazes e transitórios do capital no estágio atual de desenvolvimento capitalista.



O conteúdo do espaço no regime de acumulação flexível foi alterado. Nesse novo padrão de desenvolvimento se criou um novo arranjo social político e econômico, marcado pela reorganização do sistema financeiro global, que ao ser desregulamentado pelo Estado, permitiu a formação de conglomerados financeiros de poder global, o que só pôde ocorrer por meio de uma série de inovações nos sistemas financeiros e pelo aumento da telemática, ampliando com as redes informacionais. (HARVEY, 1996, p. 152). Neste quadro, a monitoração do mercado e especulação financeira, coordenadas pela rapidez das informações e controle das mesmas, ganharam uma prevalência relativa maior em relação a produção real de bens e serviços (HARVEY, 1996, p. 154), os atributos dos espaços e as informações sobre os mesmos passaram a ser uma peça chave nas condições de acumulação dos rentistas e a fração do capital financeiro global.

Houve uma remodelação da espacialidade capitalista através da aceleração do tempo das múltiplas transações monetárias e creditícias, reduzindo o tempo com a compra de maquinário, de acesso e consumo às mercadorias, o tempo de curso para distribuição dos lucros e dividendos, e o tempo de reinvestimento do capital, isto é, acelerou-se a rotação do capital⁶, sendo condição e produto daquilo que David Harvey considera ser uma “compressão espaço-temporal” (HARVEY, 1996).

Isto é, a estrutura da produção do capital em sua totalidade, compreendida pela produção, distribuição, consumo e troca, se transformou para manter a acumulação do capital em um contexto de crise estrutural. Podemos, fazer uma primeira distinção dos momentos da produção como: a) Produção: A produção como consumo objetivo e subjetivo dos meios de produção, a produção como consumo produtivo e a produção propriamente dita; b) Distribuição: constituída pelos juros, lucros, renda imobiliária e salários; c) Consumo: tendo tanto os elementos do consumo produtivo quanto do consumo propriamente dito, nessa esfera também se observa a produção do consumidor e dos modos de consumo; d) Troca: sendo constituída pela circulação da mercadoria, sendo o mercado a esfera da troca que se expande ou retrai. A troca apresenta diferentes níveis de intensidade, extensão e diferentes estruturas de troca (MARX, 2008).

A distinção dos diferentes momentos do processo de valorização do capital nos permite compreender como as diferentes frações do capital (industrial, comercial, financeiro) se

⁶ O tempo de rotação, ou de giro, do capital, é resultante do tempo de circulação e de produção (MARX, 2014, p. 261). Ou seja, desde o emprego do capital em meios de produção, passando pelo momento da produção, circulação e consumo das mercadorias, até a transformação do capital mercadoria em capital-dinheiro, onde se fecha o curso do capital.

articulam de modo cada vez mais imbricadas atualmente. No atual regime de acumulação a aceleração da inovação tecnológica e o aumento das “rendas tecnológicas” se tornaram ainda mais estruturantes das condições para o aumento da taxa de lucro e da massa de lucros dos capitalistas individuais, se compararmos ao estágio do capitalismo concorrencial ou ao monopolista.

Assim, as formas pelas quais o capital industrial passou a se organizar no espaço, tiveram forte relação com a redução na rotação do capital fixo, “especialmente das empresas de capital aberto”. Nesse contexto, os investimentos têm sido cada vez mais direcionados para as esferas pré-produtivas (P & D sobremaneira), com a intensificação da “produção adicional de mais-valia relativa” (MANDEL, 1985, p. 157). Essa aceleração e redução da rotação do capital fixo, possui efeitos físicos diretos no tempo de vida útil deste, acelerando a obsolescência do maquinário e por sua vez, impondo um ritmo mais acelerado à inovação tecnológica (MANDEL, 1985, p. 157).

Poderíamos acrescentar que, ao lado do maquinário, o espaço fabril também vem diminuindo sua vida útil, não apenas pelas mudanças recorrentes no layout das fábricas, em função das inovações técnicas e tecnológicas, senão inclusive, pelas transformações mercadológicas e a criação acelerada de novas demandas de produtos na esfera do consumo, que reestruturam os interesses dos acionistas e as ações dos gestores do capital produtivo.

Podemos, portanto, observar que o valor de uso de uma unidade produtiva, pode muitas vezes estar relacionada a localização privilegiada a certos mercados e centros de distribuição, ou a certos fornecedores, de certas matérias-primas. Isso quer dizer, que em um contexto de aceleração da rotação do capital fixo, as mudanças que se dão nas esferas pré-produtiva e pós-produtiva (marketing, estoque, transporte, etc.), podem tornar obsoletos alguns atributos econômicos materializados no espaço de uma certa unidade fabril ou industrial. Esse processo, como já pontuamos se torna mais intenso a partir da imbricação do capital industrial e financeiro, em que o incremento tecnológico nos setores não-produtivos, como o financeiro, influencia determinantemente no modo como o capital no setor produtivo irá se comportar:

A industrialização da esfera da reprodução constitui o ápice desse processo [hiperindustrialização]. Os computadores calculam o pacote de ações “ideal” para o acionista particular e a localização “ideal” para a nova fábrica da grande empresa (MANDEL, 1985, p. 272).

Na esfera pré-produtiva, uma inovação tecnológica que substitua uma matéria-prima chave para o produto final, pode tornar a proximidade aos fornecedores antigos redundante. Na esfera pós-produtiva, transformações como aquelas ligadas ao advento dos portos-secos, e-



commerce, ou novas tecnologias de marketing, podem modificar a importância da proximidade aos centros de consumo regionais, nacionais e, até mesmo, internacionais, eliminando, ou criando um valor de uso no espaço relativo.

Assim, a generalização da aceleração da rotação do capital fixo, sobretudo das empresas de capital aberto, tem interferido diretamente na obsolescência do espaço industrial gerando mutações rápidas e abruptas. Ernest Mandel, já apontava para esse processo, entendendo haver um crescente imbricamento entre a reprodução simples (cada vez mais acompanhada pela renovação tecnológica) e a reprodução ampliada realizada em períodos de anos cada vez mais curtos (MANDEL, 1985, p. 158).

Isto quer dizer que, através da diminuição dos ciclos de reprodução simples e sobretudo da reprodução ampliada, as características e atributos que uma dada unidade produtiva oferecia, tendem a desaparecer de modo mais acelerado. Além disso, o crescente acesso privilegiado à informação das grandes corporações se tornou uma fonte ainda maior de superlucros, tendo como um dos resultados a maior capacidade das empresas se dispersarem e expandirem a mobilidade geográfica dos capitais, oferecendo uma maior flexibilidade aos mercados de trabalho e consumo (HARVEY, 1996, p. 151).

Poderíamos dizer, portanto, que existiria atualmente uma forte relação entre a aceleração da reprodução simples e ampliada do capital, com a fluidez do capital no território. Seguindo uma argumentação semelhante, Chesnais adverte que no estágio da mundialização do capital, a mobilidade e o descomprometimento “setorial ou geográfico – qualquer que tenha sido sua importância na formação e crescimento do grupo”, se tornaram objetivos concretos dos grandes grupos empresariais (CHESNAIS, 1996, p. 81).

Sandra Lencioni, seguindo a conceituação de François Chesnais, observa que no regime de acumulação patrimonial, com a dominância do capital financeiro e da lógica rentista, presenciamos a produção de uma nova espacialidade na relação entre indústria e território. Onde o interesse dos grupos econômicos financeirizados são definidos pelos rendimentos das ações e pela capitalização (LENCIONI, 2020, p. 11), nos quais as empresas industriais controladas representam menos unidades produtoras de bens do que títulos negociáveis. Por essas razões, o fechamento de uma indústria, pode não ter a ver necessariamente com uma questão de rentabilidade do capital produtivo, senão da rentabilidade do capital financeiro, cabe lembrar que o capital financeiro, em especial no Brasil, passou a “drenar o sistema produtivo, em vez de dinamizá-lo” (DOWBOR, 2017, p. 32).

Podemos dizer que esse quadro de acentuada fluidez espacial do capital e de uma nova mecânica nos deslocamentos do capital, vem trazendo novas feições ao desenvolvimento



geográfico desigual e às questões regionais, que precisam ser avaliadas pela Geografia brasileira (LENCIONI, 2020, p. 12). Vejamos a seguir de que modo o capital financeiro tomou uma função cada vez mais importante na empresa brasileira de calçados Alpargatas S.A e de como isso alterou seu espaço de atuação na Paraíba.

A IMPLANTAÇÃO DA ALPARGATAS S.A NA PARAÍBA: ESTRATÉGIAS OLIGOPOLISTAS E DISJUNÇÃO PRODUTIVA

A Alpargatas S.A é uma multinacional brasileira, com sede em São Paulo - SP, criada em 1907, com ações na bolsa de valores de São Paulo desde 1913, detêm e produz desde 1962 os calçados da marca Havaianas. Da década de 1970 em diante, com uma atuação capitalista mais sólida do ponto de vista da concorrência, a empresa passa a desempenhar um papel oligopolista no mercado brasileiro, tanto em função da compra de empresas em outros estados, quanto pela compra de marcas de calçados e vestuários de empresas concorrentes, tendo se direcionado para o Nordeste em 1974⁷ para o Rio Grande do Norte.

A década de 1970 traz consigo uma série de transformações na estrutura do setor de calçados e na Alpargatas também, tendo em vista o crescimento da demanda de tênis esportivos e outros calçados de tecido e sintéticos. Observando as transformações nos modos de consumo, a Alpargatas adquire em 1972 o controle da marca Rainha e cria a linha Topper na busca por diversificar suas marcas e alcançar margens de lucros maiores.

Já na década de 1980, com a crise econômica na chamada “década perdida”, os níveis de consumo do mercado interno são rebaixados e a empresa Alpargatas direciona seus investimentos para o aumento da produção das Havaianas, que apesar da baixa margem de lucro por unidade na época, apresentavam uma enorme demanda do mercado interno. Neste período de 1980, a empresa passa a perder mercado consumidor para sua concorrente direta, a Grendene S.A, produtora das sandálias Rider (BONELLI, 1998, p. 25). Como uma das respostas à concorrência, no ano de 1985 a Alpargatas S.A compra a empresa recifense BESA- Borracha e Esponjosa S.A, fabricante da marca Dupé (PEREIRA, 2021, p. 46), eliminando uma concorrente direta e abrindo espaço para assimilar o mercado Nordestino em contraponto à crescente nas vendas da Grendene S.A. Neste mesmo ano, abre sua primeira unidade no estado da Paraíba, na antiga unidade da BESA, em Campina Grande, onde eram produzidas justamente as sandálias Dupé da sua ex-concorrente.

⁷ Para mais informações ver: DIÁRIO de Natal, Natal-RN, Ano XL, Quarta-Feira, 27 de fevereiro de 1980.

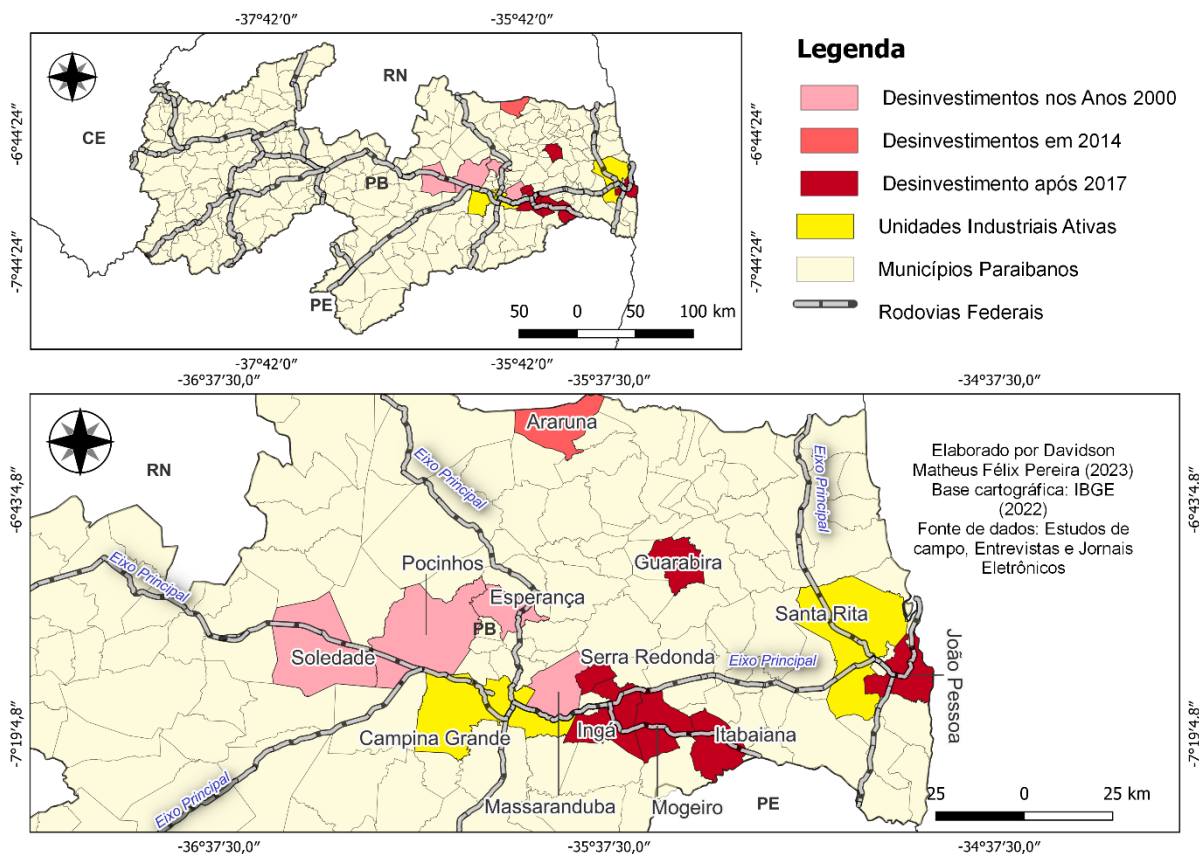
Em 1989, observa-se outra prática monopolista da Alpargatas S.A através da compra da Nordeste Calçados (NORCALSA), que possuía sua principal unidade no município de Santa Rita-PB. Com a aquisição, a empresa passa a produzir tênis esportivos em Santa Rita-PB, aproveitando a expansão do consumo sucedida após o Plano Cruzado (BONELLI, 1998, p. 24). Assim, a produção da empresa no território paraibano se deu no início em duas estruturas de produção fordistas: a) em Campina Grande com a produção de calçados Havaianas, b) em Santa Rita com a produção de tênis e outros artigos esportivos, essas duas plantas industriais principais perdurarão até os dias atuais.

Ainda na década de 1980, foram instaladas extensões fabris, denominadas pela empresa como “postos de costura”, consistindo em unidades fabris, onde parte da produção, como o corte e a costura de tênis, ou acabamento de sandálias de borracha, por exemplo, eram atrelados a processos de trabalhos predominantemente manufatureiros (manuais) e mesmo, semi-artesanais, tão próprios, da chamada especialização flexível, mas que sempre estiveram presentes na empresa desde sua gênese, as pequenas fábricas eram distribuídas por municípios com forte presença de uma força de trabalho do campo e municípios de pequenas expressões populacionais. Esse processo de disjunção produtiva, ao longo das décadas será acompanhado por uma série de reincorporações⁸ produtivas e supressões⁹ das filiais (MAPA 1), nos deteremos melhor sobre essa dimensão a seguir.

⁸ A reincorporação produtiva aqui é entendida como o processo pelo qual uma empresa verticaliza novamente em uma unidade industrial, processos produtivos que haviam sido disjuncionados anteriormente para uma determinada filial da própria empresa.

⁹ Concebo o processo aqui chamado de supressão produtiva como um movimento de desinvestimento de um dado capital, que tem como efeito o encerramento das atividades de determinada unidade produtiva, ou de células produtivas, gerando uma descapitalização do investimento que se expressa no espaço.

Mapa 1: Desinvestimentos da Alpargatas S.A ao longo dos anos na Paraíba (1985-2023)



Fonte: Elaboração própria, a partir de estudos de campo (2019-2023), entrevistas a trabalhadores e trabalhadoras, representantes públicos, jornais eletrônicos e Receita Federal.

Nesse período, a produção se dava territorialmente integrando às unidades industriais localizadas em cidades de grandes contingentes populacionais no estado da Paraíba, às pequenas unidades fabris em municípios com menores populações. Em 1980, de acordo com o Censo Demográfico de 1980, Santa Rita era o quarto maior município (68.227 pessoas residentes) e Campina Grande o segundo maior do estado (247.827). As pequenas fábricas, como dizíamos, estavam localizadas em municípios das regiões polarizadas por Campina Grande e Santa Rita, como: Esperança (27.594), Massaranduba (12.030), Soledade (11.175), Serra Redonda (7.305 residentes).

É suficientemente evidente, que o diferencial espacial da produtividade do trabalho no território paraibano, foi ao mesmo tempo utilizado e recriado pela empresa, ao integrar unidades produtivas com diferentes composições orgânicas de capital, em municípios com mercados de trabalho heterogêneos e funcionais aos interesses pontuais e diversos da empresa. Ao longo do texto essa dimensão será mais aprofundada.

NOVA DOMINÂNCIA NO CONTROLE ACIONÁRIO DA ALPARGATAS S.A: A LIOFILIZAÇÃO ESPACIAL DA PRODUÇÃO

Nos anos 1980 a Alpargatas era controlada ainda por um conjunto pulverizado de pequenos acionistas que representavam 77% do capital acionário da empresa. Os grandes investidores representavam apenas 23% do capital acionário (Grupo Brasmotor e Banco Garantia). No decorrer da década, com a baixa das ações no período de deflação, houve uma crescente compra das ações, em 1990, 75% do capital já eram controladas pela construtora Camargo Corrêa e pelos bancos Bradesco e Itaú (BONELLI, 1998, p. 24). A abertura comercial, terá um efeito importante na estrutura acionária da empresa e nas estratégias adotadas para manter e expandir as taxas médias de lucro. Em parte, essa mudança no controle acionário, terá estreita relação com a estrutura espacial da produção da Alpargatas no território nacional e os processos socioespaciais decorrentes do descomprometimento geográfico da empresa e sua relativa mobilidade espacial.

A concentração do controle acionário em grandes grupos financeiros, teve que ver com a reestruturação produtiva que ocorreu na indústria de calçados na década de 1990 e a crescente necessidade que a Alpargatas S.A passou a ter na redução com seus custos operacionais e a aceleração da rotação do capital fixo. Convêm mencionar alguns fatores que influíram na reestruturação econômica e socioespacial do subsetor de calçados: primeiramente, o aumento das exportações, entre 1970-1990, com a pauta exportadora saltando de US\$8 milhões para mais de 1 US\$ bilhão, entrando em conflito com a valorização cambial que irá se dar com o Plano Real (COSTA; FLIGENSPAN, 2013, p. 53); segundo, o aumento da concorrência com os produtores asiáticos que entram na cadeia global de valor do calçado, impulsionados pelos baixos custos com mão de obra nesses países (COSTA; FLIGENSPAN, 2013, p. 58); Em terceiro lugar, a abertura comercial levando ao crescimento das importações de calçados em de oito vezes apenas no período de 1990-1995 (COSTA; FLIGENSPAN, 2013, p. 59-60).

Nesse novo quadro, a inter-competição entre as empresas de calçados nacionais e das mesmas com o mercado internacional, intensificava a busca pelas diminuições nos custos operacionais no ramo, fosse por meio da diminuição dos custos com a força de trabalho, ou por meio de uma menor tributação fiscal.

Dessa forma, o Nordeste se apresentava como a região mais indicada para aumentar as taxas de lucro das empresas nos níveis da média das empresas asiáticas. Além dos baixos níveis salariais e um grande excedente de força de trabalho, na década de 1990, os subsídios fiscais oferecidos às empresas de calçados representavam cerca de 16% a menos nos custos

operacionais se comparado aos oferecidos pelos estados da região Sul, por exemplo (GARCIA, 2001, p. 104).

Esse conjunto de condicionantes foi responsável pelo intenso deslocamento das grandes empresas de calçados, antes concentradas sobretudo no Sul e Sudeste e agora desconcentrando-se relativamente em direção ao Nordeste. Essa reconfiguração espacial do aparato produtivo calçadista, se deu em grande parte com a desconcentração de empresas com maior presença de capital nacional (LENCIONI, 2006, p. 108).

Mais especificamente, os capitalistas da indústria calçadista, demonstraram a preferência em alocar seu capital produtivo em aglomerações metropolitanas de menor porte ou cidades de populações intermediárias ou locais, aproveitando-se dos menores custos de produção (PEREIRA JÚNIOR, 2015, p. 155).

Essa desconcentração industrial em direção ao Nordeste, se deu espacialmente de forma dispersa e difusa, se distribuindo por vários “aglomerados produtivos”¹⁰, de forma distinta àquilo que se verificava nos anos 1990 na região Sudeste e Sul — no centro de dispersão dessas indústrias —, onde a cadeia produtiva era bastante concentrada em certos agrupamentos regionais (PROCHNIK & UNE, 2006, p. 2).

A Alpargatas S.A já havia se antecipado em grande parte a esse processo de reestruturação espacial e produtiva, mas intensificou-o a partir da década de 1990. À essa altura, a empresa já recebia várias denúncias por descumprimento de medidas para prevenção de Doenças Ocupacionais Relacionadas ao Trabalho¹¹ em suas unidades no estado de São Paulo, onde também estava sua sede. Estes fatores acabaram pressionando o capital da empresa a realizar uma série de desinvestimentos e supressões produtivas no estado para manter a acumulação ampliada de seu capital e as taxas de exploração costumeiras. Contudo, este não foi o único fator impulsor desta massa de desinvestimentos no estado de São Paulo, é possível argumentar que a mudança no controle acionário, com a entrada da Camargo Corrêa, como principal controladora, pode ter implicado na intensificação da diminuição dos custos com o capital fixo e variável nas unidades de São Paulo.

Nesse momento, além de fechar unidades produtivas no bairro da Mooca em São Paulo, fecha unidades em outros polos do estado de São Paulo e outras regiões, por meio da terceirização de sua produção e sua desconcentração, reduzindo seu aparato industrial de 22

¹⁰ Esse conceito é discutido por (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p. 234), (RICHARDSON, 1978, p. 3).

¹¹ EMPRESA é acusada de não prevenir doenças do trabalho: Liminar pára produção da Alpargatas em Mogi Campinas, Quinta, 24 de dezembro de 1998. Acesso em: 24/11/2019 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/campinas/cm24129805.htm>



empresas filiais para 10, e de 20 fábricas para 14, demitindo entre os anos 1998 e 1999 seus últimos 250 operários, mas mantendo em São Paulo a sede e o polo de distribuição¹². O resultado é uma redução de 55% dos custos fixos da empresa. Junto a ajuda do BNDES que nos anos 1996 financiou o projeto de realocação da empresa com R\$ 4 milhões¹³.

Na Paraíba, após o início da década de 1990, com a compra da empresa pela Camargo Corrêa, várias unidades fabris conhecidas como postos de costura foram fechadas também, entre elas: Esperança, Massaranduba e Soledade. Ao mesmo tempo, outras unidades são abertas em cidades como Araruna, Ingá e Itabaiana no ano de 1992 e a de Pocinhos no ano de 1993. Deve-se destacar aqui, a influência da guerra fiscal entre os municípios paraibanos e o interesse político dos governadores da situação no período. Por exemplo, a unidade de Soledade é fechada no final da década de 1990, em função dos 10 anos de incentivos fiscais não terem sido renovados (apesar do apelo dos políticos locais para tal), pelo então Governador da Paraíba José Maranhão (PMDB), coincidentemente ou não, no ano seguinte uma nova fábrica é aberta na cidade natal do governador, Araruna-PB.

DA INTERNACIONALIZAÇÃO A DOMINAÇÃO COMPLETA PELO CAPITAL FINANCEIRO: NOVOS PROCESSOS DE LIOFILIZAÇÃO ESPACIAL (2000-2023)

Após a década de 2000, os até então intitulados “postos de costura” passaram a ser qualificadas pela Alpargatas como “fábricas satélites”, buscando-se acompanhar as inovações e métodos de controle e exploração da força de trabalho inspirados no modelo da terceira Itália, naquilo que se conceituou enquanto “especialização flexível” (STORPER; SCOTT, 1989, p. 24) e do toyotismo. Muito embora, as pequenas empresas fossem organizadas desde sempre pelo controle da produção das unidades produtivas de Campina Grande e Santa Rita em bases tayloristas-fordistas. Na prática, os processos produtivos, como pudemos verificar em entrevistas com os trabalhadores, se mantiveram relativamente baseados em técnicas e tecnologias mais rudimentares, se comparados às grandes unidades industriais com as das grandes unidades, todavia, a polivalência e o controle mais direto nas pequenas fábricas foram atributos que permitiram maiores níveis de flexibilidade na produção das filiais de pequenas dimensões.

¹² ALPARGATAS fecha a última fábrica em SP. Folha de São Paulo, São Paulo. Sábado, 7 de novembro de 1998.. Acesso em 23/11/2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi07119810.htm>

¹³ NOVO endereço. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de setembro de 1996. Acesso em 23/11/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/20/dinheiro/1.html>



De 2000 em diante, visualizamos o início de uma fase de intensificação da internacionalização da marca Havaianas e o aumento de suas exportações, complementada pela compra dos direitos de produção da marca japonesa Mizuno, que ocorreu na década de 1990 e, a subsequente expansão da produção deste artigo. É observável uma busca pela redução na rotação do capital fixo da empresa e um deslocamento relativo dos investimentos nas esferas pré-produtivas, como P&D e marketing, de modo a permitir o fortalecimento da marca no mercado internacional e modificações nos modelos das sandálias, oferecendo um portfólio mais variado e elementos que passaram a distinguir o seu produto das imitações que estavam sendo produzidas tanto no Brasil, quanto no mercado asiático.

Diante disso, as taxas de lucro da empresa cresceram exponencialmente na década de 2000 e meados de 2010, sobretudo em função do aumento da demanda das sandálias Havaianas. À essa altura verifica-se uma reorganização no interior das unidades produtivas e o aumento expressivo da produção e do emprego nas unidades produtivas principais e suas subsidiárias (PEREIRA, 2021). Esse crescimento dos empregos e da produtividade das unidades produtivas será barrado pela crise na empresa, a partir dos escândalos da Camargo Corrêa na lava jato no ano de 2015 (FERREIRA, 2018, p. 102).

Destaco que, nesse momento para diminuir os efeitos da crise, no final de 2015 a Camargo Corrêa vende duas das marcas mais importantes da Alpargatas S.A: A Rainha e a Topper¹⁴, mas mantêm a produção das mesmas sob regime de contratação por 2 anos (G1, 2015), assim os efeitos da descapitalização só serão observados geograficamente pelos trabalhadores da Alpargatas na Paraíba no ano de 2018 e 2019, diminuindo drasticamente a produção de calçados nas 5 fábricas satélites em torno da unidade de Santa Rita (Itabaiana, Mogeiro, Serra Redonda, João Pessoa, Guarabira). A Havaianas, que já era a principal marca da empresa, passa a ser ainda mais importante, conferindo aos trabalhadores da unidade de Campina Grande, a única produtora da marca, e ao estado da Paraíba, um grande poder de barganha. Não à toa a empresa constrói uma nova unidade para produção de Havaianas em Montes Claros-MG em 2015.

Entretanto, os efeitos da lava jato na empresa não irão se limitar a estes. Em 2017 o controle da Camargo Corrêa sobre a Alpargatas é passado para a J&F investimentos, que logo em seguida também é denunciada por recebimento de propina, vendendo suas ações por R\$ 3,5

¹⁴ G1. Alpargatas vende marcas Rainha e Topper a investidores, São Paulo, 03/11/2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/alpargatas-confirma-venda-para-itausa-por-r-35-bilhoes.ghtml>, Acessado em: 09/05/2023.



Bilhões para a holding Itaúsa, controladora da Cambuhy Investimentos (FERREIRA, 2018, p. 103), a Itaúsa tem como fundamento a “compra de empresas ou participações de companhias com possibilidade de crescimento” (FERREIRA, 2018, p. 111). Poderíamos entender que o crescimento ao qual se referem está pautado na liofilização da produção das empresas controladas pelo grupo e ao descarte de qualquer trabalhador ou indústria que não favorecessem a liquidez do capital.

Como dizíamos, em 2018 o contrato de produção dos tênis Topper e Rainha começava a encerrar, tornando o calçado Mizuno o único tênis esportivo produzido e sendo um dos motivos de se manter muitas das fábricas satélites ativas, o que não foi o caso da unidade de Guarabira-PB, que fechou em dezembro de 2019.

As coisas estavam ainda por piorar para uma importante fração da classe trabalhadora na Paraíba, mas os seus efeitos não foram compreendidos de forma imediata por uma convergência de fatores contingenciais. Em março de 2020 a pandemia de COVID se inicia, a demanda pelas sandálias Havaianas aumenta de maneira drástica, afinal ninguém queria usar tênis ou sapato estando confinado em casa, mas sim, sandálias.

Em setembro de 2020 a Itaúsa, controladora da Alpargatas, vende o controle da marca Mizuno para a Vulcabrás Azaleia S.A.¹⁵ pelo valor de R \$200 milhões. Logo em seguida, em dezembro de 2020, em plena pandemia, o grupo fecha a fábrica satélite de Serra Redonda, que empregava cerca de 100 trabalhadores e que estava produzindo componentes para a Mizuno e ao final de suas atividades produzia os tênis da marca Havaianas. Logo em seguida, ainda em 2020, é fechada a fábrica de Ingá três vezes maior que a anterior, fabricava desde 2016 os componentes para os calçados da Mizuno em Santa Rita. Empregava cerca de 100 trabalhadoras (em 2016 empregava cerca de 300) quando encerrou suas atividades. A produção dessas duas unidades foi transferida para a unidade satélite de Mogeiro.

A filial de Alagoa Nova-PB, fábrica satélite da unidade de Campina Grande, demitiu ou transferiu cerca de 800 trabalhadores. Em abril de 2023, a unidade produtiva de Mogeiro-PB fábrica é fechada levando à demissão de cerca de 300 trabalhadores, em junho de 2023 a unidade de João Pessoa também tem suas atividades encerradas deixando cerca de 450 trabalhadores desempregados. Somando-se a essas, demissões também ocorreram em Campina

¹⁵ AGÊNCIA, O Globo. **Alpargatas vende toda a operação da Mizuno no Brasil por R\$ 200 milhões**, Publicado em 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/alpargatas-vende-toda-a-operacao-da-mizuno-no-brasil-por-r-200-milhoes/>, Acessado em 11/04/2023.



Grande em um montante maior¹⁶. O que se destaca politicamente nesse processo é o fato de uma parte da opinião pública associar as demissões ao momento econômico brasileiro e ao Governo Lula (PT) empossado em 2023, segundo os mesmos, o prejuízo que a empresa vem tendo, têm que ver com “a desconfiança do mercado” e dos compradores. Entretanto, a análise dos dados aqui levantados, demonstra que a mudança no controle acionário e as novas estratégias mercadológicas da Alpargatas foram os fatores sobredeterminantes para os desinvestimentos e os desempregos gerados.

Não é verificável uma crise na empresa, senão uma reorientação de seus interesses e estratégias de investimentos. Por exemplo, em 2021, foi construído um centro de inovação em Campina Grande, buscando acelerar em 3 vezes o número de projetos e novos modelos de calçados. O investimento da ordem de 20 milhões R\$, demonstra que a empresa vinha buscando aumentar o incremento em tecnologia e inovação, o que permitiu uma centralização maior das atividades ligadas indiretamente à produção de calçados na unidade industrial de Campina Grande, sobretudo, P & D. Inclusive, esses novos projetos podem ter afetado a própria organização produtiva do sistema industrial da empresa, condicionando os esforços para concentrar e re-incorporar a produção às unidades industriais principais.

Em setembro de 2022, foi inaugurado um novo CD-Centro de Distribuição que custou 28 milhões de reais e passou a funcionar plenamente no segundo trimestre de 2023. É considerado o maior CD de calçados da América Latina com 50m², com capacidade de armazenar 39 milhões de pares de calçados e de expedir 1,3 milhões de calçados por dia, diminuindo em até 50% o tempo de expedição para os mercados internacionais, centralizando 100% de todos os estoques do Nordeste em Campina Grande. Concentrando também, toda a operação de E-commerce da empresa para o Nordeste e outras regiões do país¹⁷. Além do CD construído em Campina Grande, a empresa também inaugurou um outro em 2023 na unidade instalada em Montes Claros-MG, com capacidade de armazenar cerca 20 milhões de pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁶ Segundo entrevista com ex-trabalhadores da unidade de Campina Grande, em agosto de 2023 a empresa chegou a contar com cerca de 5.700 trabalhadores ligados à produção, a título de comparação, em 2021 a empresa contava com cerca de 9.000 trabalhadores empregados.

¹⁷ **Alpargatas reduz pela metade prazo de entrega para mercado internacional**, EXAME. Invest. Publicado em 14 de outubro de 2022. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/alpargatas-reduz-pela-metade-prazo-de-entrega-para-mercado-internacional/>, acessado em 02/10/2023.



Demonstrei inicialmente as formas pelas quais a Alpargatas S.A realizou paralelamente disjunções produtivas, e processos de supressões produtivas ao longo das décadas. O domínio do capital da empresa sobre o território permitiu a mesma concatenar em certos períodos políticas de produção mais descentralizadas e, em outros períodos como o atual, uma política mais centralizada espacialmente.

Esse sistema territorial produtivo se fundou no desenvolvimento geográfico desigual do território, haja vistas ter se utilizado e recriado uma produtividade espacial diferencial, em relação às unidades produtivas de municípios com maiores excedentes de força de trabalho, com menores níveis de instrução formal e pouca proximidade com os sindicatos dos trabalhadores. Portanto, através das entrevistas e análise histórica, é possível inferir que os níveis de exploração nas pequenas fábricas, instaladas em pequenos municípios eram relativamente maiores e os custos para a empresa menores.

Por sua vez, os desinvestimentos que 2014 em diante se exasperam, têm sua origem em relações socioespaciais complexas e dinâmicas e não possuem relações tão diretas com a mudança no plano político nacional. Alguns pontos podem ser levantados para esclarecermos melhor essa dimensão: 1) A atuação da Itaúsa, enquanto uma empresa ligada de forma ainda mais direta aos interesses do mercado financeiro, modificaram drasticamente a organização espacial produtiva da Alpargatas S.A na Paraíba. Realizando um contínuo processo de enxugamento da produção e estipulando uma série de práticas que vem aumentando os níveis de exploração dos trabalhadores no estado, o que representa em poucas palavras menos emprego e mais trabalho para os que estão empregados. 2) o crescimento das vendas das Havaianas durante a pandemia, apenas retardou os efeitos diretos causados pelas vendas das marcas Rainha, Topper e, sobretudo, da Mizuno, nos níveis de empregabilidade da empresa no estado. Tendo em vista que algumas fábricas satélites reconfiguraram a produção para a produção das Havaianas, em função do aumento momentâneo da demanda, com a queda que já era esperada pelos controladores da empresa, esses postos de trabalho se tornaram “descartáveis” para o capital da empresa. 3) Com relação a unidade de Alagoa Nova, me parece que a expansão do Centro de Distribuição da unidade de Campina Grande e a criação do novo Centro de Inovação da Havaianas em 2022, também convergiu para a desnecessidade dessa unidade que estava ligada a Campina Grande, tendo em vista a busca pela redução dos custos com transportes das matérias-primas de Campina Grande para Alagoa Nova.

Portanto, o que se pode observar é uma ampliação dos processos de reincorporação e supressão de unidades que não interessam mais ao capital da empresa. Com o novo controle acionário, menos ligado intimamente ao território e aos interesses da política local e dos



trabalhadores, o que vem prevalecendo é a verticalização da produção em uma única unidade industrial e desverticalização no interior da unidade produtiva em processos produtivos que tendem a ser cada vez mais flexíveis e “enxutos”.

Creio que a tendência que se apresenta, é de uma redução na rotação do capital fixo, em detrimento da aceleração das inovações na concepção e desenvolvimento de novos modelos de calçados. Além do mais, a instalação de um novo centro de inovação, fora do eixo Sudeste, demonstra haver um interesse mais sólido da empresa em aproximar as esferas pré-produtivas, como o P&D da sua produção propriamente dita, sobretudo, em Campina Grande, onde se produz os artigos da marca que oferece as maiores margens de lucro, as Havaianas.

O processo de concentração geográfica das esferas pré-produtivas e produtivas da empresa, como: concepção, produção e a circulação das mercadorias modificam diretamente a estrutura operacional da empresa e a importância das antigas unidades produtivas, deixando estas de servir aos interesses desse capital.

Por fim, destaco que os efeitos do desemprego massivo da força de trabalho pela empresa, serão repercutidos de modo mais intenso na medida em que a massa salarial na forma de seguro desemprego se dissipar, o que ocorrerá nos próximos meses. Essa dimensão recoloca a necessidade de repensar a organização política dessa fração da classe trabalhadora, na busca por condições de trabalho mais dignas e menos voláteis aos interesses fugazes do capital financeiro. Também aponta as contradições existentes na relação entre capital e Estado, haja visto que as isenções fiscais oferecidas pelo estado da Paraíba, pressupõem como contrapartida a expansão e manutenção dos postos de trabalho no território, o que certamente não vem ocorrendo.

Quanto aos trabalhadores de Campina Grande e Santa Rita, me parece que essa concentração e centralização dos processos produtivos e das demais esferas, podem ter conferido indiretamente um maior poder de barganha à esses trabalhadores, dado a maior dependência que a empresa passou a ter, da eficiência da produção da unidade em Campina Grande. Se isso for verdade, não parece que tenha havido um reconhecimento desta nova relação de forças, talvez pelo medo despertado nos trabalhadores remanescentes após a demissão massiva que ocorreu no início deste ano. Contudo, como toda relação de força é dinâmica, a mesma pode ser utilizada em favor dos trabalhadores e trabalhadoras na luta por melhores condições de trabalho, remunerações mais justas e pelo apoio mútuo entre os trabalhadores e trabalhadoras.

REFERÊNCIAS



ALENCAR, A. K. G. Guerra dos lugares e circuitos da economia urbana: a instalação da Grendene S.A. em Crato (CE). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2019.

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: 2ª Ed. São Paulo, **Boitempo**, 2009.

BACURAU, R. M. Reestruturação produtiva e indústria: a produção de calçados nos municípios do CRAJUBAR - Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha - na Região Metropolitana do Cariri - CE. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2019.

BENKO, G.; LIPIETZ, A. O Novo Debate Regional: Posições em Confronto. In: BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain (Org.). As regiões ganhadoras: distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica. Oeiras: **Celta**, 1994.

BONELLI, R. As estratégias dos grandes grupos industriais brasileiros nos anos 90. Texto para discussão, Rio de Janeiro: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, 1998.

CHESNAIS, F. A Mundialização do Capital. São Paulo: **Xamã**, 1996.

CHESNAIS, F. A Teoria do Regime de Acumulação Financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações, **Revista Economia e Sociedade**, vol.11, nº 1 (18), p. 1-44, 2002.

COSTA, A. B.; FLIGENSPAN, F. B. (Orgs.). O deslocamento das empresas de calçados para o nordeste brasileiro. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2013.

DOWBOR, L. A era do capital improdutivo. São Paulo: **Outras Palavras & Autonomia Literária**, 2017.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6 ed. São Paulo: **Loyola**, 1996.

FERREIRA, M. A. S. Corporação e Geografia: A organização territorial e produtiva do grupo Alpargatas S.A na Paraíba. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia, **Universidade Estadual do Ceará**, Fortaleza, 2018.

GARCIA, R. C. Vantagens competitivas de empresas em aglomerações industriais: um estudo aplicado à indústria brasileira de calçados e sua inserção nas cadeias produtivas globais, 215p. Tese (doutorado) - **Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia**, Campinas, SP, 2001.

LENCIONI, S. Regiões Metropolitanas do Brasil: Radiografia da dinâmica recente do emprego industrial e da remuneração do trabalhador. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, San Pablo, 2006.

LENCIONI, S. O capital e seu espaço. Para além de produzir valor e espaço, o capital produz o desenvolvimento geográfico desigual, **Confins** [En ligne], 44, 2020 : <http://journals.openedition.org/confins/26177>; DOI : <https://doi.org/10.4000/confins.26177>.



LIPIETZ, A. Fordismo, Fordismo Periférico e Metropolização, **ENSAIOS FEE**, Porto Alegre, p. 303-335, 1989.

MANDEL, E. O Capitalismo Tardio. trad. Carlos Eduardo Silveira Matos, Régis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. **Nova Cultural**, 2ª Ed., São Paulo, 1985.

MARX, K. Contribuição à crítica da economia política. Tradução Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: **Expressão Popular**, 2008.

MARX, K. O Capital, livro II: o processo de circulação do capital. São Paulo: **Boitempo**, 2014.

PEREIRA, D. M. F. Reestruturação espacial e produtiva na Indústria de calçados de Campina Grande-PB: Espaço E Trabalho No Regime De Acumulação Flexível. -Dissertação de Mestrado em Geografia, **Universidade Federal da Paraíba**, João Pessoa. 2021

PEREIRA JÚNIOR, E. Território E Economia Política - Uma Abordagem A Partir Do Novo Processo De Industrialização No Ceará. 1. ed. São Paulo: **Editora da UNESP/Selo Cultura Acadêmica**, 2013. v. 1. 397p.

PEREIRA JÚNIOR, E. A indústria de calçados no Brasil diante da reestruturação territorial e produtiva. In: O novo mapa da indústria no início do século XXI [recurso eletrônico] / organização Eliseu Savério Sposito. – 1. ed. – São Paulo: **Editora da Unesp Digital**, 2015a.

PEREIRA JÚNIOR, E. Globalização e reestruturação da indústria de calçados no Brasil. In: Encontro Nacional da ANPEGE, 11. 2015, Presidente Prudente. **Anais... Presidente Prudente**: 2015b. p. 4798-4810.

PROCHNIK, V.; UNE, M. Y. A migração da cadeia produtiva de calçados para a Região Nordeste do Brasil. Fortaleza: **Banco do Nordeste**, 2006.

RODRIGUES, A. M. Reflexões Sobre a Produção e Consumo do e no Espaço (Re)leituras do Território. Conjunto de Produção Acadêmica apresentado no Concurso de livre Docência em Geografia Humana e Econômica do **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP**, 1996.

STORPER, M.; SCOTT, A. The geographical foundations and social regulation of flexible production complexes, in Wolch, J., Dear, M. (orgs.), The power of geography: how territory shapes social life, Boston, **Unwin Hyman**, p. 21-40, 1989.